



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro Nacional de Pesquisa de Agroindústria Tropical
Ministério da Agricultura e do Abastecimento
Rua Dra. Sara Mesquita, 2270, B. Pici. CEP 60511-110 Fortaleza - CE
Telefone (085) 299-1800 Fax (085) 299-1803

Pesquisa em Andamento

Nº 35, dez./98, p.1-3

Arquitetura de copa em cajueiro anão precoce, através da poda de formação, e sua influência na produtividade das plantas

Clódion Torres Bandeira ¹
Raimundo Braga Sobrinho ²
Francisco das C. O. Freire ²

A cajucultura representa grande importância econômica e social para o Nordeste brasileiro uma vez que gera emprego para mais de 300.000 pessoas e renda superior a cem milhões de dólares. A grande extensão das áreas plantadas tem contribuído para uma má condução dos cajueirais, pela dificuldade de se fazer um tratamento adequado das plantas. Grandes áreas associadas ao porte muito elevado das plantas, dificultam a boa condução dos "pomares" existentes, a aplicação de fertilizantes e impossibilitam o uso de tratamentos fitossanitários pertinentes. A maioria dos plantios existentes é de pé franco, com cajueiro comum, de porte bastante elevado, prejudicando sobremaneira a qualidade dos pseudofrutos, de grande importância atual pela ampliação do mercado "in natura" dos cajus. O formato da copa tem grande influência na produção, pois copas com formatos variados recebem diferentes estímulos externos, quer quanto à intensidade de penetração dos raios solares, quer quanto à aeração.

Poda em árvores frutíferas tem sido uma prática bastante utilizada em todo o mundo, desde muito tempo. No entanto, esta prática, conforme a literatura universal, é ainda muito usada em plantas de clima temperado, como uva, maçã, pêra, entre outras frutíferas. No Brasil, seguiu-se esta tendência da agricultura. Nas regiões frias do sul e do sudoeste do País, utiliza-se a poda para modificar a forma da copa e torná-la mais apta à produção.

Não se tem notícia com muita frequência de poda em fruteiras tropicais. Estudos mais recentes com manga estão sendo feitos no Vale do São Francisco, na região de Petrolina. O objetivo principal do trabalho foi, através da poda e condução das plantas, obter plantas de cajueiro de baixo porte, copa compacta, com alta produtividade. Foram testados, no município de Pacajus, no Campo Experimental de Pacajus da Embrapa - CNPAT seis formatos de

¹ Eng. Agr., MSc., Embrapa - Centro Nacional de Pesquisa de Agroindústria Tropical (CNPAT), Rua Dra. Sara Mesquita, 2270, Pici, CEP 60511-110 Fortaleza-CE.

² Eng. Agr., Ph.D., Embrapa - CNPAT.

copa: copa em forma de cone, de taça, retangular, arredondada, controle de crescimento e testemunha, sem nenhuma poda. Os mesmos tratamentos foram usados também em cajueiro anão precoce, na fazenda Itaueira, Canto do Buriti, PI.

No presente trabalho utilizou-se a poda como um instrumento de formação de copas diferenciadas da original. Utilizaram-se os cajueiros, comum e anão precoce.

As coletas foram feitas semanalmente, na época de produção, de outubro a janeiro, por dois anos consecutivos, em plantas com três e quatro anos de idade. Com base nos dados dos dois primeiros anos de coleta, nos experimentos de Pacajus, o tratamento sem poda, isto é, sem formato, foi o que apresentou maior produção, com 590 gramas/planta ou 211 kg/ha, seguido do formato retangular e arredondado, com 550 e 492 gramas, respectivamente. Já nos experimentos do Piauí, conduzidos na fazenda Itaueira, os melhores tratamentos foram controle de crescimento e taça, com 890 gramas/planta e 520 gramas/planta, respectivamente. Isso corresponde a 320 e 200 kg/ha. Estes dados podem ser observados nas Tabelas 1 e 2.

Como pode ser visto na Tabela 1, no período de 1995/1996, o melhor desempenho ocorreu com plantas não podadas, isto é, com as testemunhas. A aparente vantagem desse grupo deve-se, talvez, ao fato de que as plantas podadas geralmente diminuem a produção na safra seguinte. Como as podas eram necessárias para fornecer os formatos desejados, acredita-se que somente após a próxima colheita as plantas poderão responder satisfatoriamente aos tratamentos de poda. Resultados diferentes, no entanto, ocorreram em outro experimento conduzido no Estado do Piauí, na fazenda Itaueira, município de Canto do Buriti, contendo os mesmos tratamentos em plantas da mesma idade que as conduzidas em Pacajus, Ceará. Lá os melhores tratamentos foram, por ordem decrescente: controle de crescimento (890 g/planta) e taça (520 g/planta) correspondendo a 320 e 200 kg/ha, respectivamente. Para ilustrar a diferença entre os seis tratamentos serão mostrados os dados da Tabela 2.

Como os dados apresentados são preliminares, espera-se nos anos seguintes, com plantas mais velhas, melhor confirmação do efeito da arquitetura das plantas podadas, em seu desenvolvimento e produtividade.

TABELA 1. Produção de castanha (kg/ha) em Pacajus, com plantas de três e quatro anos, com formatos de copas diferenciados. Safras 1995 e 1996.

Tratamento Formato de copa	S a f r a	
	1995	1996
Cone	167,20	358,00
Redonda	245,25	492,10
Retangular	285,11	550,70
Controle de crescimento	241,20	412,50
Taça	223,00	423,50
Testemunha	341,62	590,30

TABELA 2. Produção de castanha na fazenda Itaueira. Safras 1995 e 1996.

Tratamento Formato de copa	Sa f r a	
	1995	1996
Cone	206,56	218,20
Redonda	214,33	366,00
Retangular	220,31	313,80
Controle de crescimento	325,18	883,70
Taça	245,66	512,30
Testemunha	196,83	369,60